

Nasci sem um caminho de volta



Nasci sem um caminho de volta

RAIMUNDO NETO



Para Crispim



“Desconheço o depois da minha despedida. Não se caminha sobre a sombra do entardecer. Esquecer é desexistir, é não ter havido.”

Bartolomeu Campos de Queirós

“Mamãe, não chore
A vida é assim mesmo
Eu fui embora
Eu nunca mais vou voltar por aí
Eu quero mesmo
É isso aqui”

Torquato Neto



Quando a casa nasceu em nós, já éramos o fim.

A casa principiou sua herança nas profundezas. Veio da vontade abismada dos pais da Avó, a minha, habitante cansada de um livramento abençoado: ou casa e marido, ou a vida vai se desgastar até a ruína do sonho possível para uma mulher como a filha, a mãe, a minha. E os avós da Avó fundaram alicerces profundos e generosos capazes de sustentar o futuro das filhas da mulher. Não havia lugar para a morada, era apenas desejo e caos.

O Avô, o meu, casou-se com a Avó, a minha, e começou a casa pelo teto. Primeiro veio o pavor de o céu desabar e entrar, pela cabeça, no espaço das filhas que viriam a nascer. Ele imaginou primeiro um buraco, depois um ninho, um açude, uma barragem, chuva, muita chuva, e uma vastidão descampada ressecada pela fome quase finda dos bois e suas vacas. Passou-lhe pela cabeça um riacho e o cheiro de peixe catando ar na superfície e encontrando nado de grito de menino escapando de casa. O Avô procurou depois o mar nas terras verdes da lembrança, e os sonhos gritavam-lhe de longe que aquilo era mentira. Imaginou buraco, ninho, açude, barragem, riacho, chuva, mar, mas era casa, um lugar imaginado para se defender do céu. Depois aconteceram as paredes, ripas, taipas magrelas, areia a espumar água e barro, e um pouco de cimento emprestado.

Ele não sabia quantos filhos nasceriam do corpo amuado da esposa. Não era mãe ainda, ela. Carregava raiz das vontades das mães antes de si, os ecos dos pedidos das mulheres arranhando as unhas nas paredes escuras de suas profundezas de anseios, prestes a ser habitada por sabia-se lá quantas moradoras. Então ele aumentou a largura e o comprimento das paredes, abriu mais cômodos no espaço, no corpo da esposa. O primeiro quarto da primeira filha também receberia a se-

gunda e a terceira. Mais trabalho para o Avô, o meu, aquele marido, esticar os corredores, costurar recintos estreitos de quarto, sala, cozinha e quintal, tudo único, o espaço final que abraçaria a única rua da cidade.

As portas sem chave, pernas abertas da esposa declarando o tamanho de todos os cômodos. Depois o Avô, quando o gemido e o grito e o esperneio faminto das filhas arreventou o silêncio dos espaços, resolveu pelo chão da casa. A terra fervida de todos os dias teve a bocarra calada com camadas de barro molhado e pisado. Era só respingar qualquer gota, e a terra suspirava aliviada, assim como os pés das filhas, os joelhos imundos da filha mais velha arrastando-se pelo chão moído da casa. Quando os pés das filhas do pai, o Avô, o meu, enraizaram na terra quase impenetrável do pisar da casa, já existia teto na cabeça dos seus sonhos. Até ali era sol cantando cada tracinho da penumbra solta da pele das filhas, e chuva difícil que caía breve e esquecida, lavando o corpo castanho das meninas, impregnadas de cascas de barro, prestes a darem broto na umidade das entranhas, cicatrizes no corpo da mãe, abertas anteriores ao lugar inventado que o homem cuidava de erguer.

E assim o teto pôs-se a proteger as mulheres da casa da valentia do céu. O Avô, em seu primeiro ato de descanso, lavou a casa toda com um choro alagado, secou a dureza da casa que mal havia começado abrigo e nunca pareceu estiagem. A terra fechada sob nossos pés sugou o choro do homem, o Avô. Naquele último dia, a Avó, a esposa, a sua, pariu um menino, o único homem, irmão da Mãe e Tias, as minhas. Doze horas e três mulheres depois de nascido, o filho morreu, o Tio, o único homem. Foi ali que a primeira falta ocupou a fundação do lar, a fratura inicial, o vazamento discreto ininterrupto que amoleceu até certo tempo o piso, as paredes, o teto.

Os tijolos queimados marcavam a defesa da casa, os gritos das filhas dobravam os corredores em labirintos, e o cimento quebrava depois de seco; o choro da mãe, a Avó, vazando pelas brechas da fundação, e as telhas faltantes permitiam que o sol importunasse a crueldade da tristeza, os pratos limpos de tempo avesso, nem tão vazios, e chovia, e os raios armados em sorrisos macabros faziam tremer a sua tristeza latejada, que se arrastava pela terra pisada e mordida a tranquilidade apavorada da casa com seu pesar, e enchia as brechas da morada com a falta do filho, o morto, o único; e as filhas, as suas, Mãe e Tias trancadas no quarto sem chaves, escondidas na escuridão alucinada dos buracos da mãe.

As paredes abriam-se em pele, cobrindo as dores cortadas nos crescimentos dos ossos. Os estalos assobiados confundidos com alegrias e gritos abraçados ao passado, vozes afiadas e ecos feridos de todas as mães antes das nossas. O piso de terra batida, rachando tristeza a cada passo apressado e infeliz; o ir e vir do tempo rastejando na sola grossa e encardida dos pés. As unhas engolindo o pó da terra que nos enche, os dedos robustos presos a tantas dores repetidas que chegam cansadas à porta, sem fechaduras; não há chave, qualquer pessoa e tempo invadem o lar e cantam partida antes de dizer que é preciso amar e comer.

E o teto abraçava-se ao nosso medo e pedia perdão ao céu que anunciava queda e catástrofe, denso e vibrante, aqui e acolá, mas muito longe nos dias corridos do ano, tudo fosse deus, estrela, nervura do universo todo, caía, como grito da chuva, escorrido, e lavava as feridas do teto, paredes e chão, onde nascia o fundo do rio do menino que era filho e neto, a sobrevivência e o sacrifício, o corpo cavado das faltas de todas as mães nascidas nas entranhas da casa, alagado num tempo e deserto no outro. Foi onde o menino aprendeu a afundar e crescer.

Se você deixar eu meter em você, te dou um beijo de língua funda. E beijou com boca oca, imensa, engolindo a vastidão das minhas confusões. As mãos dele dotadas de trinta anos, todos os meus segredos acumulados estancados envelhecendo, cansados, guardados no esconderijo dos meus onze anos. A noite chiava brisa e latido de cachorro. No quintal da casa dos Avós, os meus, tudo quieto.

Ao entrar, o menino mais velho resolveu arrombar a porta, jogando a chave fora, e expôs o escuro dos cômodos bagunçados, tudo fora de ordem. Ele não pediu licença para entrar. Ficou lá, dentro, remexendo tudo, gemidos agonizados de um bicho que quer escapar e tem alguma fome, que quer ser livre e tem medo, que quer morrer e só sabe matar. O medo nascido nele apropriava-se da escuridão dos meus cômodos destruídos. *E se eu quiser morar aqui?* foi o que ele disse com os dedos rijos fustigando as minhas fechaduras. E se ele não quiser mais ir embora?

Ele morando e pronto para escapar, inteiro dentro. As mãos dele eram as minhas; eu enxergava pelos seus olhos. Duas camadas de pele grossa, suadas pelo calor abafado da noite. O menino mais velho que não conheço muito bem veio morar aqui dentro, bravo e cheio de si. Lambia os móveis capengas que inventei, cuspiam no assoalho das dores. Talvez ele tivesse acabado de chegar, há duas horas, mas doía tanto um ano. Quanto tempo tem uma vida que termina? Meu corpo marcava onze anos e um menino mais velho de trinta anos tinha resolvido morar dentro de mim. E outro menino mais velho de vinte anos. E um menino mais velho de dezesseis. Tantos anos mais velhos que minha infância ensinou meu corpo a amadurecer a dor e gritar sem dizer *chega para não quero*.

Eles tinham nojo quando se encostavam às paredes da minha fundação. É apertadinho, eles gemiam. E riam. E en-

fiavam a mão na minha boca, e o pé na porta, e a entrada da minha consciência escancarada para quem quisesse ver. Ninguém via.

Não chorei. Fiquei quieto em mim, encontrei um cantinho sacrificado, pó e infância, outra infância, uma mais limpa, onde as lembranças da Mãe mantinham-se cuidadas, onde os Avós eram café e passeio em horas largas sem fim. Ali, no canto, restou um pedaço de mim que jamais seria ocupado. Se os meninos mais velhos resolvessem morar dentro de mim, eu seria outro homem?

Eles avançavam sobre o que eu guardava, comida, bondade, certeza e confiança, arrastando os pés pesados, ciscando a sujeira acumulada nas beiradas do meu corpo.

Ao terminar a visita, eles cuspiram e jogaram minha carcaça esvaziada no chão, limparam os pés no pano de chão imundo, corpo e esperança, e saíram. Antes de seguir, sem olhar para trás, um deles atirou algumas palavras afiadas na escuridão que começava a impregnar os vazios abertos da casa de paredes fendidas, portas abertas, teto capenga: *Se você contar pra alguém, já sabe o que acontece, bicha. É assim que se ama: sangue, cuspe, uma casa vazia, aberta em vazamentos?*

Demorei a erguer as magrezas do cansaço. O corpo, um saco de lixo, um espaço que não era mais casa, e se fosse, absurda e devastada, esperava a noite sussurrar algum conselho. Um cheiro doce de caju e o zunido de uma abelha noturna alcançaram as palavras choradas. Enchi a boca de terra, engoli a seco, acho que chorei. Eu estava me transformando numa voz cheia de chão e sangue, escancarada, vazamento.

A porta da cozinha que alcançava o quintal estava entreaberta. Tropecei na sombra abraçando a luz da única vela acesa no oratório da Avó. Luz lambendo as panelas florindo o forno

de barro. Eu deixava um rastro de amargura, uma pista secreta do que havia me tornado. Parava quando as mãos da dor sufocavam o que restou do corpo. *Eu já cresci, virei homem, isso aqui é o avesso de quê?*

A cozinha calma, o cuidado avoengo para que o lugar da comida pudesse ser abrigo para toda a cidade. Demorou até que eu chegasse ao banheiro. Eu sabia que a noite ainda era alta, pelo frio e pelos olhos das sombras acusando minha lentidão.

Antes de chegar ao banheiro, fui interceptado pela voz noturna da Mãe. *O que é isso, menino?* Ela viu os frangalhos do corpo que minha sombra arrastava, a boca sem palavra, cheia de terra, a bermuda rasgada em gritos de tecido esgotado, a porta daqueles frangalhos escancarada e fluindo o que eu não conseguiria resolver. *Se eu disser que um homem resolveu morar em mim, mas resolveu ir embora, e voltará sem pedir licença, porque deixou a porta aberta e jogou minha alma fora, a senhora, Mãe, vai fazer alguma coisa?* Eu não disse.

Os seus olhos estatelados sobre mim, o jeito de olhar, um acidente. *Vai tomar banho*, ela sussurrou saturada. Nítida e lúgubre em sua dispersão de mãe de vigas carcomidas e teto vindo abaixo aos trancos e barrancos.

Eu ouvia a Mãe chorar no quarto, soluçando. Ela sabia acordar o dia, e o sol despontou lambendo as cascas que cobriam o que restou de mim. O banheiro ficava no jardim da Avó, a minha, perto do quarto e da sala de estar.

Acho que dormi ali mesmo, com o chuveiro ligado, escorrendo, vazando até que o fim inundasse aquela casa desmoronada.

Não chorei. Tive medo apenas. A Mãe só sabia afundar.

Vocês querem brincar hoje?

Não, os meninos mais velhos diziam, os resmungos empurravam meu corpo para longe. *A gente nem te conhece, mulherzinha*. Diziam isso muitas vezes. Golpeavam-me com gargalhadas, nas paredes da garganta o suor dos homens da casa, que partirão para assumir distância, dinheiro e vazio na vida dos filhos que irão deixar para trás. Os meninos mais velhos só me conheciam, à noite, no quintal da casa do Avô, o meu, quando assumiam uma intimidade magoada, disposição faminta, corpo cravado no corpo, suor engolido pelos meus olhos ardidados de sombras. Eu não via nada, nossas noites não se faziam trégua. Os meninos mais velhos diziam meu nome com lambidas afiadas, gemidos e palavras retorcidas e duras, cortantes, impronunciáveis nos nossos termos aprendidos na infância. Babando agonias, tremendo os dentes de fome que não morre apenas com pedaço de carne marcando os dentes podres, mergulhados em mim, os fôlegos todos aos pedaços, voltando à superfície para cuspir e ver o céu seco, que não perdoa ninguém e despenca.

Eles deixavam esquecidos no meu corpo lápis e borracha, cadernos velhos, palavras que nunca escreveram, bitucas de cigarro e um tipo lustroso de raiva mofada e obediente a pai e mãe, ódio estúpido riscado de sete e meio na escola, do tipo que diz *Bom dia* para a mulher mais velha da cidade e *Vai se foder, sua bicha maldita* para a criança mais nova mastigada por eles, quase todas as noites.

Eu guardava o que eles esqueciam no buraco que comecei a cavar, naquele quintal; o buraco que chegava ao nascimento da casa e não a destruía. Guardava tudo o que os meninos mais velhos esqueciam, noite dentro de noite.

Nos dias que seguiam aos mergulhos, mordidas, cuspe, tapas famintos, empurrões apedrejados, riso cortado de raiva bem educada por mãe, eles voltavam a não saber quem eu era. *Sai daqui, a gente nem te conhece. bicha. bicha.* Pedra. Ponta pé, faca riscada de fome no chão; chute, empurrão. *bicha.* Unha imunda varando a terra tenra que nascia na pele, pedaço de carne tremida. *Bicha, abre as pernas.* Cuspe. Dedo valente procurando meu nome. Cala a boca. *Se tu contar pra alguém, a gente acaba contigo. bicha.* E chute, mordida, cuspe. Pedra arremessada.

Tudo o que eles precisavam esquecer permanecia escondido, fincado. Eu afundava um buraco no quintal da casa para esconder o que carregava.

Eu não sabia se os meninos mais velhos esqueceriam algo nos dias seguintes, dentro, fundo.

O nascimento da casa foi esconderijo.

E surgia telha de barro grosso, descascado e duro; e forno de barro assando bolo de milho e carne limpa de galinha e porco. As filhas e a mãe, e o pai, o filho morto repetindo as lembranças da impotência dos santos da fé de todos. A mãe era Avó, o pai era Avô, e guardavam-se na cozinha que aquecia fome branca e escarrava fumaça escura. As Tias todas secas na raiz do corpo. Menos a Mãe, a minha, a terceira filha, que morava no canto da casa, separada com o filho, o neto, o homem que restava, que ainda ia nascer menino. O alicerce da casa tinha pedra pontuda, nascedouro de ferida ardida, e barro misturado a migalhas de concreto. O quintal era grande para caber milho, feijão, arroz, galinha, porco e as fugas do menino, e o corpo do único filho homem engolido pela goela de uma doença sem cura.

A casa estremeceu com os ossos das filhas, alongavam-se todos, cobriam as insatisfações mesquinhas de suas vinganças com uma camada graúda de pele e ódio. A casa estremeceu quando brotou o filho da puta no corpo da filha, a Mãe.

Das primeiras chagas no corpo da casa, assim o lar começou ruína, misericórdia, desgraça e fim.

A criaturinha nasceu, pai.

É menino, mãe.

Assim nascia a casa.

E tijolo, barro, goteira, e fogo escorrendo do céu. E filha chorando, mulher danando no inferno o filho sem pai nomeado. E telha, ripa, e ainda assim goteira, fresta que era chaga, por onde entrava estrela e lua, aos poucos pedaços. Se chovia, secava assim que a terra abraçava todas as gotas. E passos encardidos, pra lá e pra cá, saíam da casa para buscar milho e mandioca e voltavam, terra vermelha no sorriso das unhas dos pés. E irmã esmurrando fraqueza de irmã, barriga crescendo em danação, e goteira escorrendo o gozo do diabo; e rachaduras na parede traçando mundos que não existiam para nós, continentes impossíveis. Se chovia, o barro que pintava a parede, lamento e incômodo, mas abrigo, fazia lama nos cantos da casa, no pé das paredes, e o chão crescia mais uma camada para cima, a casa subia um degrau a cada chuva esquecida. Um dia, alcançaríamos a sofreguidão do teto capenga e seu riso desdentado. E mãe abraçando mãe, remendo, defendendo filha dos golpes das filhas, e o pai chorando e bebendo cachaça, na tontura dos dias, embriagado, perda. E o filho morto, falta, perdido em horas que pareciam vinte anos, ausência. E nasceu o filho da filha, a Mãe, a minha, remendo de gente, goteira aberta nos corpos dos avós, os meus.

Nasci num lugar de chuvas inexplicáveis e sol abundante, e cheguei a casa sem nem saber por onde escapar.

A casa foi feita para que ficássemos. O chão subia e o teto ganhava o rumo do céu.

Nasci sem um caminho de volta.

Lá, tudo era de alguém, na cidade, nos nordestes do mundo.

Terra vermelha, cerca de madeira e arame farpado, tinha nome e dono. Os bichos, que percorriam os quatro cantos – e uma estrada única que levava do começo ao que achávamos ser o fim da cidade – e perambulavam ruminando um calor na goela, pertenciam a alguém. As terras marrons de corpos férteis, flores livres, frutos maduros e sementes escondidas, abertas em feridas de fome, eram de algum homem. As casas tinham donos que partiram e deixaram as mulheres num varrer e parir eternos. A estrada tinha dono, o homem que mandava há anos e anos e anos; depois, todos os seus filhos e netos aprendiam a mandar. As mangueiras, bananais, goiabeadas, milharais, canaviais, moravam no quintal de alguém que mandava e dizia É meu, tudo. As mulheres e seus filhos pertenciam a alguém. Nós éramos do homem que era Avô, o meu, que era pai e esposo; ele não dizia Eu sou dono de vocês. Aprendemos ao longo dos desertos carregados do tempo que amar era ser pertencido, morar nos anos seguintes do corpo onde nascemos. A casa, a nossa.

E meu pai, que não tinha corpo, nem nome, nem caminho. A falta do pai me pertenceu até os meus dias seguintes.

Aprendi a morar nas fraturas da casa, despencando.

Eu corria para o rio para matar a fome do corpo e secar a sede das águas até o anoitecer. Bastava deixar meu corpo boiar pela extensão do rio e descia como galho seco, peixe morto, correnteza abaixo. Lá embaixo, onde o rio fechava-se num poço cercado e um buritizal de garganta esgotada pelo mato grosso que o abraçava, os meninos mais velhos esperavam meu corpo cheio de sede e fúria para nutrir suas buscas insaciáveis, num ritual abandonado, no qual a minha infância entregue consagrava o início de suas vidas adultas.

Os destroços da casa do Avô, todos os dias, avolumavam-se diante de meus olhos, minhas mãos cansavam de insistir na busca pelos pedaços maiores passíveis de remendo e costura. Eu podia levantar uma casa, restituir um lar que se desfazia diante da minha infância de mãos miúdas, primeiro pelo amor sacrificado e depois pela cadência da morte?

Longe dos destroços, o corpo entregue à superfície do rio, eu deixava-me abraçar pelas profundezas dos gemidos ofegantes dos meninos mais velhos que se apossavam da minha fuga. E eles escondiam seus desejos ruidosos no meu corpo, na pequenez das minhas mãos, na carne da língua, no ranço da garganta, o cheiro depósito de vazamentos crescidos, suor e pelos misturados ao gosto de peixe do rio; untavam as agruras da minha infância, lambiam meus ouvidos com palavras incompreensíveis enfiadas em meus vazios alargados, a casa destruída que eu trazia em minha fuga do lar. Cravavam os dentes na minha inocência sem rumo e profanavam minhas poucas chances de não me regalar com o desconhecido. Eu era menino e eles me gritavam mulher, uma mentira num menino cansado dos querereres maternos. Eles afogavam meus tímidos arremedos masculinos na profundidade do rio e varavam seus dedos no fundo da intimidade que nunca foi minha.

O lodaçal de desejos e repulsa escorregadios do fundo do rio não cansava de afogar meu desespero.

Eu queria que algum dos meninos descobrisse o que morava no fundo de mim, ou que eles chegassem tão longe e arrancassem todas as veleidades que me foram emprestadas pelo Avô, pela Avó, pelas Tias, que eles arrancassem o que eu não alcançava, que extirpassem do meu corpo a presença da Mãe, o fantasma do Pai, os meus, e deixassem a ira sombria de um homem adulto ser redimida, o pecado cego e silencioso que nunca seria capaz de dizer o que é. E eles me enchiam de uma alegria canhestra e arruinada, como o lar que quase não existia mais, e para onde eu temia voltar.

Dos oito garotos, a um passo de tornarem-se homens, apenas um beijou minha boca inchada de mordida-sangue-socos depois que pedi ajuda, baixinho, no fundo, a tristeza afogada e suja. Foi a primeira vez que um homem beijou minha palavra e me deixou ali para morrer.

Então aquilo era amor: o corpo virado ao avesso, ofegante. E só depois vinha o beijo.

Comecei com um buraco miúdo, sem fôlego, para esconder as castanhas cravadas nos cajus que caíam maduros do único cajueiro. Um buraco no chão que afundava todo dia um tanto mais. Eu usava as mãos que carregavam o nascimento contado pela família: choro, desespero danado e grito, tinha pai que não estava lá, nunca esteve; a Mãe, a minha, sentia-lhe faltar ar e coragem, a morder os lençóis soltos na cama, e mastigar a raiva das Tias, suas irmãs. Com essas mãos e os calos dessas histórias, eu aplicava profundidade ao buraco que comecei a cavar quando os meninos mais velhos iniciaram as invasões abismadas ao corpo armado de desejos inconfessos. Eu, ali, no chão, com o rosto amassado contra a areia escura do quintal da casa do Avô, e os meninos, um a um, visitavam sem aviso prévio as brechas rebeladas do meu cansaço, da minha desistência. Mordiam e cuspiam, arrancavam pedaços da carne da alma, rindo. Escorriam sobre mim o rebrilhar da juventude trágica que todos eles desconheciam aos vinte anos. E minhas unhas a varar a terra seca afundada, sentindo as raízes do mato e sei lá que árvores eram aquelas, goiabeira, eu acho, ou pé de manga, e uma moita de bulgarim, sei lá se aquele verde escondido na noite paria apenas flor ou fruta também. Eu afundava os dedos na terra e lambia meus braços, babava, e os gritos eu deixava que caíssem nos vãos abertos do corpo que queria viver mais, aprender a amar alvo-raqado de infortúnio e culpa.

Comecei a cavar o buraco, dentro do ato desesperado e indefeso de ser posse e fuga dos meninos mais velhos; oito homens sem líder, invasores obstinados, prontos para a conquista sem glória e para o rancor indissolúvel.

Todas as noites, eu voltava sozinho ao quintal da casa do Avô, o meu, e afundava um pouco mais o buraco. Primeiro cabiam apenas as castanhas dos cajus. Depois guardei os restos dos

batons velhos da Mãe e das Tias; os bilhetes sem palavras do Avô, e sua voz escrita em ditos narrados, sua letra embrulhada em desentendimentos; e quanto mais eu cavava, mais esquecimentos eu enfiava no buraco, que se alargou tanto até caber meu corpo inteiro. Eu queria alcançar a fundação da casa, o querer enterrado dos avós dos avós, pais dos meus, a raiz profunda da Mãe, a minha. Eu queria mesmo ter minhas unhas sangradas e dilaceradas pelo esforço inquieto de buscar as pedras fundantes, a morte afundada dos bichos, a vazante abrigada que passava sob a morada da família. Eu queria encontrar a origem da casa, seu nascimento. Talvez eu quisesse precipitar seu desmoronamento, encontrar o diabo. A Mãe, a minha, falava do diabo, suas seduções e ruínas. *Ele mora no fundo da terra, embaixo da casa.*

O buraco crescia. Resolvi não me trancar todos os dias no abismo que inventei no fundo da casa.

Os meninos mais velhos voltavam, quase todas as noites, olhos soturnos, corpos equilibrados em pelos e músculos vibrantes, e ensinavam-me a amar.

Todas as vezes que eu chorava a repetir mansidão e abandonando meus receios, gritando É assim que se ama, o buraco aumentava sua raiva, e eu afundava mais. Foi no fundo que encontrei o diabo.

Mãe, acho que o Diabo mora no fundo da gente.

O buraco que comecei a crescer, no quintal, continuava aberto, pulsava, me cabia inteiro, numa mordida. Às vezes, quase sempre, os meninos mais velhos me esperavam dentro do buraco. Eles, os meninos, me ensinavam a amar. Comecei a cavar as chagas da casa, e como doíam as pontas dos dedos. A dor se espalhava pelo corpo, na falta dos dentes, a mão de um dos meninos, o que usava aliança, enfiada na minha boca, pulsava uma sombra cruel e imitava um tipo de coração duro e valente, catava a falta roída dos dentes, apertava minha língua para não precisar mais dizer que eu não podia contar para ninguém *senão*.

As rachaduras copiavam o corpo de raiz de planta com fruto e flor, aquela dança crescente que aprofundava, alimentava e fazia brotar, irradiava-se para um sem rumo que não acabaria tão cedo. As veias do corpo dos meninos também irradiavam-se e encontravam o meu caminho chorado que não podia mais gritar, inundavam minha boca com uma ladainha maldita, xingada, miserável. *Bicha*, e as veias dos paus plantadas no corpo entregue, o meu, a posse que me tornei, terra deles, os quase homens, propriedade incapaz de parir, como a mulher de um deles, e as veias dos paus brotavam sacrifícios, ensinando-me sobre amor, miserável, escarafunchavam com as pontas afiadas dos paus, oito meninos mais velhos, as rachaduras ocupadas que carrego comigo. Eles queriam saber o que tanto entrava nas frestas do meu corpo e não escapava mais.

E abria mais, o buraco no quintal da casa, e a dor depois das mordidas e empurrões, abria mais o corpo, depois que as veias dos paus murchavam, e o mistério perdia-se pelo buraco que não entrava na raiz da casa.

Os meninos mais velhos riam calados, amarravam as calças nos corpos franzinos e suados, escalavam o tamanho do buraco e abandonavam os farrapos do meu corpo no fundo. O último dos meninos mais velhos, um deles com uma aliança prateada no anelar direito, sempre voltava para um beijo meio mordida meio tapa. Naquela noite ele não me beijou. Apenas disse *Agora eu vou morar na casa de uma mulher de verdade, seu viado.*

Havia uma tentativa sem glória de, pelas rachaduras, encontrar a raiz da casa, saber se apodrecera, e por isso ela não parava de cair, como os nossos dentes. Eu penetrava os segredos que estalavam secos nas calamidades da pele ressequida da casa, procurava o impossível. Caminhos sombrios e apodrecidos abriam-se no continente das paredes furibundas, e aprendia que, se o mar existisse ali, seria um jeito de chorar por milagre.